

Nos tempos da camaradagem

FRANKLIN MARTINS

BRASÍLIA — Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, hoje trocando acusações duríssimas entre si, no passado só tinham elogios um para o outro. Os caminhos dos dois cruzaram-se pela primeira vez em 1978, quando o regime militar dava sinais de esgotamento e ambos lançaram-se quase simultaneamente na vida política. Lula, que despontava como a maior liderança operária do país, foi um dos principais cabos eleitorais de Fernando Henrique quando ele, na época um ilustre desconhecido fora do mundo acadêmico, resolveu disputar uma cadeira para o Senado em 1978. Para deixar claro seu apoio, Lula indicou para suplente de Fernando Henrique o mais respeitado advogado de seu sindicato, Maurício Soares, e arregaçou as mangas para conseguir votos para os dois.

Numa velha Kombi do sindicato, atulhada de panfletos, Lula e Fernando Henrique corriam as portas das montadoras de automóveis de São Bernardo, onde o dirigente sindical apresentava o professor aos operários. Entre

uma fábrica e outra, Lula e seus companheiros costumavam bicar uma garrafa de conhaque, hábito que jamais contagiou o candidato a senador.

Fernando Henrique saiu dessas andanças impressionado com a inteligência e a sensibilidade política de Lula. A seus amigos mais próximos não se cansava de repetir sua opinião sobre o jovem líder operário:

— É uma força da natureza.

Fernando Henrique não se elegeu, mas teve mais de um milhão de votos, o que lhe garantiu o segundo lugar no pleito e a primeira suplência ao Senado.

No ano seguinte, Lula comandou a primeira grande greve operária realizada no país desde a decretação do AI-5. Durante um mês, dezenas de milhares de metalúrgicos de São Bernardo pararam as fábricas reivindicando melhores salários. Fernando Henrique, com o prestígio de suplente de senador e intelectual de grande trânsito na sociedade paulista, foi um ponto de apoio importante para o movimento, misturando-se com os operários nas assembleias ou detendo-se para conversar com Lula nos bares da cidade. Há pouco tempo, quando Lula disse que ele teria o

rostro voltado para a Europa e o traseiro para o Brasil, o senador tucano ficou magoado:

— Eu poderia lembrar ao Lula que, além dos bistrôs de Paris, conheço os botecos perto do sindicato onde ficávamos discutindo a greve de 1979. Mas deixa para lá.

Quando Lula foi preso, Fernando Henrique foi visitá-lo na cadeia. No dia do julgamento, compareceu ao tribunal. Tudo indicava que os dois marchariam juntos a partir daí. Pelo menos, tentaram, nos encontros de São Bernardo e do Colégio Sion, em 1979, quando os sindicalistas do grupo de Lula e a tendência socialista do MDB, à qual pertencia o suplente de senador, discutiram a formação de um partido socialista. Não chegaram a um acordo. Lula queria a fundação imediata de uma agremiação de caráter classista. Fernando Henrique, ao contrário, pregava a criação de um partido — um “partido-ônibus”, dizia — depois do fim da ditadura.

Pouco tempo depois, nascia o PT, com Lula na cabeça. Os socialistas do MDB continuaram no PMDB — só dez anos mais tarde formariam o PSDB. A par-

tir daí, Lula e Fernando Henrique caminharam separadamente. Este último, já senador, votou em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, enquanto Lula pediu a seu partido que se abstivesse. Em 1985, Fernando Henrique candidatou-se a prefeito de São Paulo. O PT lançou Eduardo Suplicy, o que dividiu os votos progressistas e deu a vitória por pequena margem a Jânio Quadros. Apesar disso, nas eleições presidenciais de 1989, o candidato petista teve o voto do tucano no segundo turno.

No Governo Collor, os dois começaram próximos, mas os tucanos ensaiaram uma aproximação com o presidente e Lula teve que bater duro neles. O afastamento durou pouco. Logo a CPI de PC Farias e a luta pelo impeachment os reaproximariam. Tornariam a se separar no Governo Itamar, do qual o PT recusou-se a participar. O PSDB, ao contrário, entrou de corpo e alma no Governo. Fernando Henrique, gradativamente, virou uma espécie de primeiro-ministro — inicialmente operando a partir do Itamarati, depois como ministro da Fazenda. No final de março, anunciou que seria candidato a presidente, disputando contra Lula.